

GEORGES SIMENON

# O enforcado de Saint-Pholien

Tradução  
*André Telles*



Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Le Pendu de Saint-Pholien*

Capa  
*Alceu Chiesorin Nunes*

Preparação  
*Ciça Caropreso*

Revisão  
*Huendel Viana*  
*Márcia Moura*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Simenon, Georges, 1903-1989.  
O enforcado de Saint-Pholien / Georges Simenon :  
tradução André Telles. — 1ª ed.: Companhia das Le-  
tras, 2014.

ISBN 978-85-359-2515-2

1. Ficção policial e mistério (Literatura francesa) 2.  
Romance franês I. Título.

---

14-02493

CDD-843.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Lietratura francesa  
843.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

1. O crime do comissário Maigret 7
2. O sr. Van Damme 19
3. A herborista da Rue Picpus 31
4. O visitante inesperado 44
5. O pneu furado em Luzancy 56
6. Os enforcados 69
7. Os três 81
8. O pequeno Klein 93
9. Os Companheiros do Apocalipse 105
10. Um Natal na Rue du Pot-au-Noir 117
11. O toco de vela 127

# 1. O crime do comissário Maigret

Ninguém percebeu o que estava em curso. Ninguém desconfiou ser um drama o que se desenrolava no saguão da pequena estação ferroviária, onde, em meio a um odor de café, cerveja e limonada, seis passageiros aparentemente entediados aguardavam.

Eram cinco da tarde e já escurecia. As luzes haviam sido acesas, mas, através dos vidros, no vapor do cais, ainda era possível perceber os funcionários alemães e holandeses da alfândega e da ferrovia movimentando-se de um lado para o outro.

A estação de Neuschanz está cravada no extremo norte da Holanda, na fronteira alemã.

Estação irrelevante. Neuschanz é uma simples aldeia. Nenhuma linha importante passa lá. Há um trem de manhã e um à noite, para os operários alemães, que, atraídos pelos salários polpudos, trabalham nas fábricas holandesas.

E o mesmo ritual se repete todas as vezes. O trem alemão para numa ponta da plataforma. O trem holandês espera na outra.

Os funcionários de boné laranja e os que vestem uniforme verde-claro ou azul-da-prússia encontram-se e compartilham o horário de expediente dedicado às formalidades alfandegárias.

Como são apenas cerca de vinte passageiros por trem, e tão assíduos que tratam os aduaneiros pelo nome, tais formalidades são cumpridas rapidamente.

E vão todos se sentar na cantina, que é igual a todas as cantinas de fronteira. Os preços são informados em *cents* e *pfennig*. Uma vitrine oferece chocolate holandês e cigarros alemães. Toma-se genebra e schnaps.

O marasmo reinava naquela noite. Uma mulher cochilava junto à caixa registradora. Um jato de vapor escapava da cafeteira. A porta da cozinha estava aberta e ouviam-se os chiados de um telégrafo em que um menino mexia.

Era a rotina, não obstante alguns detalhes bastavam para carregar a atmosfera com uma nuvem de aventura e mistério.

Os uniformes dos dois países, por exemplo! Aquela mistura de cartazes anunciando os esportes de inverno alemães e a Feira Comercial de Utrecht...

Um vulto a um canto: um homem na casa dos trinta anos, com as roupas puídas até a trama, rosto sem cor, barba por fazer, na cabeça um chapéu mole de um cinza indefinível, que talvez tivesse atravessado toda a Europa.

Chegara no trem da Holanda. Havia mostrado a passagem a Bremen e o funcionário lhe explicara, em alemão, que ele escolhera a linha menos direta, pela qual não circulavam expressos.

O homem fez sinal de que não havia entendido. Pediu um café, em francês, e todos se voltaram para ele com curiosidade.

Tinha os olhos inquietos, afundados nas órbitas. Fumava, mantendo o cigarro grudado no lábio inferior, e esse simples detalhe bastava para exprimir fastio ou desprezo.

A seus pés, uma pequena mala amarela, de couro sintético, dessas que se veem à venda em todos os bazares. Era nova.

Uma vez servido, ele puxou do bolso um punhado de dinheiro trocado, cédulas francesas, belgas, além de moedinhas de prata holandesas.

A garçonete foi obrigada a pegar ela mesma as moedas de que precisava.

Chamava menos atenção um passageiro sentado na mesa ao lado, corpulento e pesado, de ombros largos. Usava um sobretudo volumoso com gola de veludo, e o nó de sua gravata cobria um colarinho de celuloide.

O primeiro, tenso, não desgrudava os olhos dos funcionários pela porta de vidro, como se temesse perder o trem.

O segundo examinava-o sem ansiedade, de maneira quase implacável, dando baforadas em seu cachimbo.

O passageiro agitado ausentou-se por dois minutos para ir ao banheiro. Então, sem nem se abaixar, com um simples movimento do pé, o outro puxou para si a pequena mala e empurrou em seu lugar outra exatamente igual.

Meia hora depois, o trem partia. Os dois homens instalaram-se no mesmo compartimento de terceira classe, mas não se dirigiram a palavra.

Em Leer, o trem se esvaziou, porém a viagem não terminara para os dois passageiros.

Eram dez horas quando a composição penetrou sob a monumental abóbada de vidro da estação de Bremen, cujas luminárias em arco deixavam todos os rostos lívidos.

O primeiro passageiro parecia não saber uma palavra de alemão, pois perdeu-se diversas vezes no caminho, entrando no restaurante da primeira classe, e só depois de inúmeras idas e vindas foi encaixar na lanchonete da terceira, onde não pegou uma mesa.

Apontou o dedo para alguns pãezinhos com salsicha, indi-

cou que desejava levá-los e pagou, estendendo novamente um monte de moedas.

Por mais de meia hora, vagou pelas ruas largas e adjacentes à estação, carregando a maleta, com ar de quem estava à procura de alguma coisa.

E o homem da gola de veludo, que o seguia sem impaciência, entendeu o que o sujeito buscava quando por fim o viu incursionar por um bairro mais pobre que começava à esquerda.

O objeto de suas buscas era simplesmente uma pensão barata. O rapaz, cujo andar denotava cansaço, examinou com desconfiança vários estabelecimentos antes de escolher um de última categoria, indicado por um grande globo de vidro fosco acima da porta.

Continuava segurando a maleta com uma das mãos e com a outra os pãezinhos embrulhados em papel-manteiga.

A rua estava movimentada. A névoa começava a descer, filtrando as luzes das vitrines.

O homem do sobretudo pesado teve certa dificuldade para alugar o quarto contíguo ao do primeiro hóspede.

Um quarto pobre, igual a todos os quartos pobres do mundo, com a ressalva, talvez, de que em parte alguma a pobreza é tão lúgubre como na Alemanha do Norte.

Mas havia uma porta de comunicação entre os dois cômodos e, nela, uma fechadura.

Isso permitiu ao homem assistir à abertura da mala, que só continha jornais velhos.

Viu o hóspede ficar branco como cera, virar e revirar a maleta nas mãos trêmulas, espalhar os jornais pelo quarto.

Os pãezinhos, ainda embrulhados, estavam sobre a mesa, mas o rapaz, que não comia desde as quatro da tarde, não lhes dignou um olhar.

Precipitou-se para a estação, desviando-se das pessoas, perguntando dez vezes o caminho, repetindo, com um sota-

que que deformava de tal maneira a palavra que seus interlocutores mal o compreendiam:

– *Bahnhof!*...

Estava tão nervoso que, para se fazer entender, imitava o barulho do trem!

Chegou à estação. Vagando pelo imenso saguão, avistou uma pilha de malas a um canto e acercou-se feito um ladrão para certificar-se de que a sua não estava ali.

Estremecia sempre que alguém passava com uma maleta do mesmo tipo.

O outro continuava na sua cola, sem desviar seu olhar pesado.

Foi só à meia-noite que, um atrás do outro, os dois regressaram ao hotel.

A fechadura emoldurou o espetáculo do rapaz com a cabeça entre as mãos, prostrado numa cadeira. Quando ele se levantou, estalou os dedos num gesto ao mesmo tempo furioso e fatalista.

E foi o fim. Puxou um revólver do bolso, abriu a boca e apertou o gatilho.

No instante seguinte, havia dez pessoas no quarto, entre as quais o comissário Maigret, que, sem tirar o sobretudo com gola de veludo, tentava impedir o acesso delas. Ouviam-se repetir as palavras *Polizei* e *Mörder*, que significa assassino.

Morto, o rapaz parecia ainda mais deplorável do que vivo. Viam-se as solas furadas de seu sapato, e a calça, arregaçada, deixava à mostra a meia vermelha inverossímil e canelas brancas e peludas.

Um agente chegou, pronunciou algumas palavras com voz imperiosa e todos se comprimiram no corredor do andar, exceto Maigret, que exibiu sua insígnia de comissário da Polícia Judiciária de Paris.

O agente não falava francês. Maigret apenas arranhava algumas palavras de alemão.



Dez minutos depois, uma viatura parou defronte à pensão e agentes à paisana irromperam dela.

No corredor, agora, a palavra *Franzose* substituíra a palavra *Polizei*, e o comissário era observado com curiosidade. Bastaram, contudo, algumas ordens para acabar com toda a agitação e impor um silêncio respeitoso.

Os hóspedes entraram novamente em seus quartos. Na rua, um grupo silencioso manteve-se a uma distância respeitosa.

O comissário Maigret conservava seu cachimbo na boca, embora apagado. E seu rosto carnudo, como se esculpido em concreto armado com vigorosos golpes de polegar, tinha uma expressão que beirava o medo ou a derrota.

– Peço licença para empreender uma investigação paralela à sua! – disse. – Uma coisa é certa: esse homem se suicidou. É um francês...

– Estava seguindo-o?

– Seria demorado explicar... Eu gostaria que sua equipe técnica tirasse fotografias dele tão nítidas quanto possível, de todos os ângulos...

O silêncio sucedera à agitação no quarto, onde agora eram apenas três a circular.

Um deles, jovem e corado, cabeça raspada, usava jaleco e calça listrada, limpando de vez em quando as lentes de seus óculos de armação dourada. Sua qualificação era algo como *médico da polícia científica*.

O outro, igualmente corado, mas menos solene em seu uniforme, revistava tudo e procurava exprimir-se em francês.

Nada foi encontrado, exceto um passaporte em nome de Louis Jeunet, nascido em Aubervilliers, torneiro mecânico.

Quanto ao revólver, trazia a marca da fábrica de armas de Herstal (Bélgica).

Aquela noite, na Polícia Judiciária, no Quai des Orfèvres,

ninguém poderia imaginar um Maigret calado, como que esmagado pela fatalidade, assistindo às diligências de seus pares alemães, retraindo-se para dar lugar a fotógrafos e médicos legistas, esperando, com expressão obstinada e o cachimbo ainda apagado, o ridículo butim que lhe entregaram às três da manhã: as roupas do morto, seu passaporte e uma dúzia de fotografias às quais a luz de magnésio imprimia um quê alucinatório.

Ele não estava longe de pensar – estava mesmo muito perto – que acabara de matar um homem.

E ele não conhecia esse homem! Nada sabia a seu respeito! Nada provava que tivesse contas a prestar à justiça!

Aquilo começara na véspera, em Bruxelas, da maneira mais inesperada. Maigret estava em missão na cidade, para uma reunião com a Sûreté belga sobre refugiados alemães expulsos da França e cujas atividades geravam preocupação.

Viagem que parecia um programa recreativo! As negociações haviam sido mais breves do que o esperado. O comissário dispunha de algumas horas.

E, para matar o tempo, entrara num barzinho, o La Montagne aux Herbes Potagères.

Eram duas da manhã. O bar estava quase deserto. Contudo, enquanto o dono, simpático e afável, dirigia-lhe a palavra, Maigret notara, bem ao fundo da sala, na penumbra, um freguês concentrado numa singular tarefa.

O homem era pobre. Tinha tudo do “desqualificado profissional”, figura comum em todas as capitais, atrás de uma oportunidade.

Bem, ele retirava cédulas de mil francos do bolso, contava-as, embrulhava-as em papel pardo e amarrava o maço, escrevendo nele um endereço.

Trinta cédulas pelo menos! Trinta mil francos belgas! Maigret franzira o cenho e, quando o desconhecido saíra, após pagar o café que bebera, seguira-o até a agência de correio mais próxima.

Lá, por cima dos ombros do homem, conseguira ler o endereço, escrito numa letra que nada tinha da caligrafia de um bronco:

Senhor Louis Jeunet  
Rue de la Roquette, 18, Paris

Mas o que mais o impressionara havia sido a menção: *Impresso*.

Trinta mil francos viajavam como simples jornais, prospectos vulgares! A remessa não fora sequer registrada! Um funcionário pesou-a e comunicou:

– Setenta cêntimos...

O remetente foi embora depois de pagar. Maigret anotara o nome e o endereço. Seguiu seu homem e, por um instante, divertiu-se com a fantasia de oferecer um presente à polícia belga. Dali a pouco, ao encontrar o chefe da Sûreté bruxelense, lhe diria displicentemente:

– A propósito, fui tomar uma cervejinha e pus as garras num delinquente... Basta recolhê-lo em tal lugar...

Maigret estava de bom humor. Banhava a cidade, varrida por lufadas de calor, um mormaço de outono.

Às onze horas, o desconhecido comprou, por trinta e dois francos, uma mala à imitação de couro – ou de couro sintético! – numa loja da Rua Neuve. E Maigret, só por diversão, comprara uma igual, sem nem pensar em como acabaria aquela aventura.

Às onze e meia, o homem entrou numa pensão de um beco cujo nome o comissário não conseguira discernir. Saíra um pouco mais tarde e, na Gare du Nord, embarcara no trem de Amsterdã.

Dessa vez o policial hesitou. A impressão de já ter visto aquela fisionomia em algum lugar teria influenciado em sua decisão?

“Provavelmente é um caso irrelevante. Mas e se não for?...”

Nada urgente o aguardava em Paris. Na fronteira holandesa, chamou sua atenção a habilidade com que o homem içara a maleta para o teto do vagão antes de chegarem ao posto da alfândega, o que denunciava a frequência dessa manobra.

“Vamos ver o que acontece quando ele parar em algum lugar!”

Contudo não parou em Amsterdã, onde se limitou a comprar uma passagem de terceira classe para Bremen. E atravessaram a fronteira holandesa, com seus canais percorridos por veleiros que pareciam navegar em meio às plantações.

Neuschanz... Bremen...

Maigret substituíra as malas sem premeditação. Horas a fio procurara em vão classificar o indivíduo numa das categorias conhecidas da polícia.

“Nervoso demais para um verdadeiro bandido internacional! Ou será apenas um comparsa, que terminará entregando seus chefes?... Um conspirador?... Um anarquista?... Ele só fala francês e não há mais conspiradores na França, nem mesmo anarquistas militantes! Um pequeno chantagista trabalhando por conta própria?...”

Um chantagista viveria tão modestamente após expedir trinta cédulas de mil francos num rele papel pardo?

O homem não consumia álcool, contentando-se, nas estações em que a espera era longa, com um café e, por vezes, com um pãozinho ou brioche.

Não conhecia o trajeto, pois a todo instante pedia informações, preocupando-se em saber se estava na direção certa, aliás preocupando-se de forma exagerada.

Não era forte. Suas mãos, contudo, mostravam sinais de

trabalho braçal. As unhas eram escuras, compridas demais, o que fazia supor que não trabalhava havia certo tempo.

Sua tez revelava anemia, quando não desnutrição.

E, pouco a pouco, Maigret foi se esquecendo do divertimento que seria entregar à polícia belga, de mão beijada, um delinquente algemado.

O problema o eletrizava. Arranjava desculpas para si mesmo:

“Amsterdã não é tão longe de Paris!”

Depois:

“Bah! De Bremen, pelo expresso, estarei de volta em treze horas...”

O homem estava morto. Não carregava consigo nenhum item comprometedor, nenhum objeto revelador de seu gênero de atividade, a não ser um revólver banal, da marca mais corriqueira que existia na Europa.

Parecia ter se matado exclusivamente porque lhe haviam roubado a mala! Caso contrário, por que comprar na lanchonete da estação pãozinhos que não iria comer?

E qual o motivo daquele dia inteiro de viagem, desde Bruxelas, onde também poderia ter estourado os miolos do mesmo jeito que numa pensão alemã?

Restava sua mala, que talvez fornecesse a chave do enigma. Eis por que, após o cadáver, nu e enrolado num lençol, ter sido levado e colocado num furgão oficial, já examinado, fotografado e estudado da sola dos pés ao couro cabeludo, o comissário trancou-se em seu quarto.

Tinha as feições tensas. Se encheu o cachimbo, calcando levemente o polegar, como era seu costume, foi apenas para tentar se persuadir de que estava calmo.

Irritava-o a cara de sofredor do morto. Sua imagem não lhe

saía da cabeça, estalando os dedos e, ato contínuo, abrindo a boca para nela desfechar um tiro.

Tal sensação de constrangimento, de quase remorso, era tão intensa que ele só se ocupou da mala após uma penosa hesitação.

No entanto, na mala devia estar sua justificativa! Nela não iria encontrar a prova de que o homem por quem tivera a fraqueza de se apiedar era um chantagista, um bandido perigoso, talvez um assassino?

As chaves ainda pendiam, como na loja da Rua Neuve, num barbante amarrado na alça. Maigret ergueu a tampa, retirando primeiramente um terno cinza-escuro, menos surrado que o do morto.

Sob o terno, havia duas camisas sujas, puídas no colarinho e nos punhos e emboladas.

... Um colarinho sobressalente, com listrinhas cor-de-rosa, usado durante pelo menos quinze dias, pois estava encardido na altura do pescoço de seu proprietário... Encardido e amarfanhado...

E mais nada! A mala expunha seu fundo de papel verde e as duas correias não usadas, com argolas e presilhas novas.

Maigret sacudiu as roupas, revistou os bolsos. Vazios!

Tomado por uma angústia indefinível, obstinou-se em sua vontade e necessidade de encontrar alguma coisa.

Um homem não se matara porque lhe haviam roubado aquela maleta? E ela só continha um terno velho e roupa suja!...

Nenhum papel! Nada que pudesse ser considerado um documento! Nem sequer um indício que permitisse suposições sobre o passado do morto!

O quarto havia sido recentemente forrado com um papel de parede barato, cujas cores chapadas desenhavam flores agressivas. Em contraste, os móveis eram usados, bambos, descon-

juntados e, cobrindo a mesa, um pano estampado que não se podia tocar sem repugnância.

A rua estava deserta. As lojas haviam fechado as janelas. No cruzamento, porém, a cem metros dali, o fluxo contínuo de carros fazia um barulho tranquilizador.

Maigret olhou para a porta de comunicação e a fechadura, pela qual não ousou mais espiar. Lembrou-se de que os peritos, previdentes, haviam desenhado o contorno do cadáver no assoalho do quarto.

Foi até lá na ponta dos pés para não acordar os hóspedes, e talvez também porque o mistério lhe pesasse nos ombros, carregando nas mãos o terno da mala, o qual conservava seus vincos falsos.

A silhueta no chão era disforme, mas matematicamente exata.

Quando tentou lhe aplicar o paletó, a calça e o colete, uma luz cintilou em seus olhos e ele trincou mecanicamente o tubo do cachimbo.

O tamanho das roupas era pelo menos três vezes maior! Não pertenciam ao morto!

O que o vagabundo guardava ciosamente em sua mala, aquilo a que tanto se apegava, a ponto de haver se matado porque o perdera, era o terno de outra pessoa!